

Polemizando sobre a decadência: confrontos na Espanha bourbônica¹



Alfredo Cordiviola²

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Resumo:

O ensaio analisa as repercussões e consequências da polêmica suscitada na Espanha pela publicação do artigo “Espagne”, escrito em 1782 por Masson de Morvilliers na *Enciclopédia Metódica*. Dentro desse vasto projeto ilustrado de compilação de conhecimentos, que pretendia aperfeiçoar e atualizar a *Enciclopédia* de Diderot e D’Alembert, o artigo de Masson denuncia o fatal estado de decadência em que se encontraria a Espanha, provocado, segundo o autor, pelo obscurantismo religioso e a ineficácia dos governos. Tais afirmações geram várias respostas e apologias que recuperam as heranças do pensamento espanhol e discutem os destinos do império e da Europa em um mundo convulsionado pela iminência da revolução.

Palavras-chaves: filosofia política; decadência espanhola; século XVIII

Abstract:

This essay examines the impact and consequences of the controversy provoked in Spain by the publication of the article “Espagne,” written in 1782 by Masson de Morvilliers in the *Methodical Encyclopedia*. Within this vast project of compilation of knowledge, intended to improve and update Diderot and d’Alembert’s *Encyclopedia*, Masson’s article exposes the fatal state of decay

1. Recebido em outubro de 2010. Aprovado em outubro de 2010.

2. Doutor (1998) em Hispanic and Latin American Studies pela University of Nottingham (Reino Unido), é Professor Adjunto 4 do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

in which Spain remains, provoked, according to the author, by religious obscurantism and the inefficiency of governments. Such statements generate multiple answers and apologies, which invoke the legacies of Spanish thought and discuss the destinies of the Spanish Empire and Europe in a world torn by the imminence of revolution.

Keywords: political philosophy; Spanish decay; eighteenth century

Resumen:

Este ensayo analiza las repercusiones y consecuencias de la polémica suscitada en España ante la publicación del artículo “Espagne”, escrito en 1782 por Masson de Morvilliers en la *Enciclopedia Metódica*. Dentro de ese vasto proyecto ilustrado de recopilación de conocimientos, que pretendía perfeccionar y actualizar la *Enciclopedia* de Diderot y D’Alembert, el artículo de Masson denuncia el fatal estado de decadencia en que se encontraría España, provocado, según el autor, por el obscurantismo religioso y la ineficacia de los gobiernos. Tales afirmaciones generan varias respuestas y apologías que recuperan las herencias del pensamiento español y discuten los destinos del imperio y de Europa en un mundo convulsionado por la inminencia de la revolución.

Palabras-clave: filosofía política; decadencia española; siglo XVIII

O nome de Nicolás Masson de Morvilliers teria sido provavelmente esquecido, se ele não houvesse escrito um artigo polêmico e também injurioso na *Enciclopédia Metódica* de 1782. Sua fugaz fama, e as animosidades provocadas por suas discutidas afirmações, se devem a esse artigo, às repercussões desse artigo e às respostas suscitadas por esse único artigo, que se intitulava, simplesmente, “Espagne”.

O vasto projeto de compor uma enciclopédia que, com método e obstinação, compendiasse todos os saberes e todas as formas do mundo podia ser excessivo ou impossível, mas para o editor Charles-Joseph Panckoucke, interessado tanto nos bons negócios quanto na difusão do conhecimento, parecia ser necessário, quase obrigatório. Inspirado pelos infinitos artigos

que Diderot e D'Alembert vinham publicando desde 1752, decidiu encarar uma tarefa semelhante com um entusiasmo e uma dedicação que, longe de se intimidar perante limites, censuras e obstáculos, davam sempre margem para multiplicar assuntos e referências. Convocou advogados, médicos, professores e *savants* que pudessem abordar os mais diversos aspectos da realidade e, a partir desse ano de 1782, iniciou um projeto que, acossado pelas conturbadas circunstâncias históricas, levaria cinco décadas para ser concluído. Sua intenção não consistia apenas em imitar as realizações precedentes; o editor aspirava a fornecer o repertório mais completo e mais útil para o homem ilustrado, uma massa prática e contundente de saberes que fosse capaz de relegar todas as outras tentativas (inclusive a de Diderot) à mera categoria de precursores. Pretendia assim cumprir de forma ainda mais eficiente a função de divulgar a *summa* dos fatos e das considerações sobre o mundo visível, criando um inventário que recolhesse os conhecimentos esparsos para articulá-los através da taxionomia e das múltiplas (e às vezes contraditórias) remissões. Apesar das suas proporções gigantescas, a obra era apresentada como um guia prático para os leitores, que rapidamente poderiam tirar suas dúvidas pontuais e adquirir algum domínio, mesmo que superficial, sobre o tema escolhido.

Os volumes da *Encyclopédie* tinham sido organizados por ordem alfabética; porém, longe de comportar um mero dicionário heteróclito, pretendia-se que essa ordem estivesse contida, como D'Alembert postulara no "Discurso preliminar", nas órbitas das três faculdades que operariam como princípios reitores: a memória, a razão e a imaginação.³ Mas Panckoucke achava

3. Les objets dont notre ame s'occupe, sont ou spirituels ou matériels, & notre ame s'occupe de ces objets ou par des idées directes ou par des idées réfléchies. Le système des connoissances directes ne peut consister que dans la collection purement passive & comme machinale de ces mêmes connoissances; c'est ce qu'on appelle mémoire. La réflexion est de deux sortes, nous l'avons déjà observé; ou elle raisonne sur les objets des idées directes, ou elle les imite. Ainsi la mémoire, la raison proprement dite, & l'imagination, sont les trois manieres différentes dont notre ame opere sur les objets de ses pensées. Nous ne prenons point ici l'imagination pour la faculté qu'on a de se représenter les objets; parce que cette faculté n'est autre chose que la mémoire même des objets sensibles, mémoire qui seroit dans un continuel exercice, si elle n'étoit soulagée par l'invention des signes. Nous prenons l'imagination dans un sens plus noble & plus précis, pour le talent de créer en imitant. Ces trois facultés forment d'abord les trois divisions générales de notre système, & les trois objets généraux des connoissances humaines; l'Histoire, qui se rapporte à la mémoire; la Philosophie, qui est le fruit de la raison; & les Beaux - arts, que l'imagination fait naître. Si nous plaçons

deficiente essa organização, e preferia adotar uma ordem temática, articulada a partir da configuração de diversos campos de saber. A *Encyclopédie Méthodica* fazia assim jus a esse adjetivo, dividida em ramos de conhecimento e sustentada por uma base epistemológica que evidenciava a progressiva consolidação de campos relativamente autônomos de saber e a paulatina profissionalização dos autores inscritos em cada um deles. O projeto de Panckoucke surge quando os grandes autores da primeira *Encyclopédie* já tinham morrido ou estavam morrendo. Seus colaboradores eram em sua maioria jovens, pertenciam a outra geração, e já não se enquadravam na categoria dos filósofos representada pelos Montesquieu, Rousseau, Voltaire, Diderot ou Turgot. Quando comparados com esses autores, os colaboradores da *Encyclopédie Méthodica* podiam ser considerados como especialistas; encarregados de abordar parcelas restritas e delimitadas de conhecimentos, constituíam exemplos concretos que, com suas práticas e suas escritas, já anunciavam o caminho que a ciência iria transitar ao longo do século XIX.

Masson era um desses especialistas, entendida essa palavra dentro dos parâmetros da época. Era também poeta, mas sua área de interesse principal era a Geografia, sobre a qual compõe muitas entradas, algumas de poucas linhas, outras de várias páginas. Dissertar sobre geografia não era algo simples, e exigia, segundo avisa o próprio autor no Discurso que abre o volume, alguns requisitos indispensáveis: estar instruído nas matemáticas e na astronomia, conhecer a história dos países, ter noções sobre política e comércio, dominar a física, a história natural e as artes, e saber comparar os hábitos das diferentes nações. Das três áreas em que divide a ciência geográfica – astronômica, física, histórica e política – é a última a que mais lhe interessa. Este aspecto é o que melhor revela para o autor “a instabilidade das coisas humanas”, que transforma grandes cidades em ruínas, devasta impérios e modifica os contornos dos mapas. Como toda geografia está marcada pelo devir histórico,

la raison avant l'imagination, cet ordre nous paroît bien fondé, & conforme au progrès naturel des opérations de l'esprit: l'imagination est une faculté créatrice, & l'esprit, avant de songer à créer, commence par raisonner sur ce qu'il voit, & ce qu'il connoît. Ver o “Discours Préliminaire” de D’Alembert em *Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*.

Masson propõe outras três subdivisões, que possam registrar as mudanças que houve no mundo: a geografia antiga, a do medievo e a moderna. Nesta última categoria, definida como “a mais verdadeira, a mais interessante, instrutiva e rica” (Masson 1782:8) estará incluído seu artigo sobre a Espanha.

O primeiro aspecto que o autor assinala é o evidente estado de decadência em que a Espanha se encontra, estado que teria sido provocado pela “debilidad de su gobierno, la Inquisición, los frailes, el perezoso orgullo de sus habitantes” (Masson 1782:24). Masson não era o primeiro, nem seria o último, em denunciar a decadência espanhola durante o século XVIII. De fato, isso era quase um lugar comum no pensamento político europeu da época, e fazia também parte, como um leitmotiv recorrente, das reflexões dos letrados espanhóis que aspiravam a intervir no presente e a oferecer alternativas que pudessem reverter essa situação. Se na primeira metade do século autores como José del Campillo y Cosío (*Lo que hay de más y de menos en España, para que sea lo que debe ser y no lo que es*, 1741), Benito Jerónimo Feijoo (“Causas del atraso que se padece en España en orden a las ciencias naturales”, 1745), ou Manuel Antonio de Gándara (*Apuntes sobre el bien y el mal de España*, publicada em 1759) já instituíam a decadência como condição inegável e como obstáculo a ser contornado, é nas décadas seguintes, a partir do governo de Carlos III, e em pleno período de reformas borbônicas, quando essa literatura floresce para multiplicar suas propostas. Da educação ao comércio, da organização social à atuação externa, da política tributária às funções da ciência, todos os âmbitos da realidade espanhola pareciam estar sujeitos a escrutínio e mudança. Identificado o conjunto de problemas presentes na administração pública, tratava-se de tornar o poder central mais eficiente, partindo de dois pressupostos que pareciam evidentes: a máquina estatal era obsoleta e inadequada, e Espanha tinha perdido, na geopolítica mundial, o lugar de privilégio que ostentara nos séculos anteriores. Diante dessas evidências, nas últimas décadas do século se multiplicam textos pensados como “avisos”, “remédios”, “reflexões”, “advertências”, geralmente escritos por funcionários do regime que pretendiam analisar cada caso e esboçar sugestões a serem aplicadas no curto ou médio prazo.

Masson, contudo, não pertencia a essa linhagem, não era espanhol nem funcionário da corte. Pelo contrário, enxergava a Espanha através das lentes do fracasso histórico, da incompetência administrativa e do obscurantismo, e, se denunciava a decadência do reino, não era para aportar hipotéticas soluções, mas para exemplificar através dos destinos de uma nação tudo aquilo que parecia ter deixado de pertencer ao tempo presente. Dessa forma, Masson se inseria na tradição intelectual que, sem dispensar simplificações grosseiras e generalizações intempestivas, criticava com dureza as bases em que estava assentado o império espanhol. Essa tradição, que nos séculos precedentes vinha alimentando a “leyenda negra”, que apresentava os espanhóis como fundadores de um dos impérios mais cruéis da história da humanidade, tende a se consolidar ao longo do Setecentos, no seio dos debates e confrontos promovidos pela difusão das ideias iluministas. Mediante a mordacidade das *Cartas persas* (1721) e a copiosa revisão das teorias políticas em *O Espírito das leis* (1748), Montesquieu já denunciara as limitações da mentalidade espanhola e os males provocados nas Índias e na península pelo despotismo ibérico. Décadas depois, na sua *Histoire philosophique des deux Indes*, Raynal retomaria esses argumentos, ao enfatizar o atraso espanhol nas ciências e no comércio, e ao denunciar que as riquezas provenientes das Índias tinham feito dos colonizadores um povo preguiçoso e incompetente, incapaz de gerenciar os desafios que tamanha empresa imperial tinha colocado em suas mãos.

A acusação de ser uma “nación perezosa” é retomada por Masson, tese que lhe permite anunciar, mesmo com reticências, a possibilidade, já prevista por Montesquieu, de uma futura autonomia das colônias diante de tanto desgoverno e incapacidade metropolitana. Para o autor, Espanha é uma nação “pobre en medio de sus tesoros”, e a culpa dessa situação recai não nas condições climáticas nem históricas, mas unicamente na incompetência do governo e na nefasta influência eclesiástica, que produziram “una administración blanda y aletargada; sus ceremonias religiosas, sus curas, sus frailes han hecho de esta colosal nación un pueblo de pigmeos” (Masson 1782:29).

Masson não ignora nem deixa de mencionar certas virtudes espanholas, como a paciência, a valentia, a sobriedade ou o respeito pela ordem, mas

esses aspectos, que seriam, segundo a visão essencialista do autor, igualmente constitutivos do povo espanhol, não são suficientes para superar os dois obstáculos cruciais que impedem a felicidade da nação, a já mencionada preguiça e a soberbia das suas classes dirigentes, que acabam anulando as potencialidades da terra e as benesses originadas pelas riquezas provenientes das colônias. A apatia, incentivada pelo onipresente poder da Igreja e pela perseguição contra toda novidade, afunda o reino em um “vergonzoso letargo” do qual ainda estaria longe de despertar. Assim, no tantas vezes apontado trecho que garante a Masson um lugar cativo nas antologias da injúria, o autor pergunta:

Pero, ¿qué se debe a España? Desde hace dos siglos, desde hace cuatro, desde hace seis, ¿qué ha hecho por Europa? España se asemeja hoy a esas colonias débiles y desdichadas que tienen necesidad permanente de un brazo protector de la metrópoli; es preciso ayudarle con nuestras artes, con nuestros descubrimientos; también se parece a los enfermos desesperados, quienes, sin sentir su enfermedad, rechazan los brazos que les aportan la vida. (1782:25)

E, embora o longo artigo de quatorze páginas conclua enumerando alguns fatos auspiciosos que permitiriam, eventualmente, iluminar o futuro do reino, seria esse trecho o mais citado, seriam essas palavras as mais lembradas, e provocariam as veementes respostas e indignadas acusações dos que preferiam observar os destinos da Espanha com olhos mais indulgentes.

É importante salientar, entretanto, que Masson não era um fanático inimigo da Espanha, nem um ocioso que cultivava os prazeres do vitupério gratuito. Como muitos dos seus contemporâneos, admirava a religião “natural”, e condenava as tiranias cometidas em nome do catolicismo pelos espanhóis e pelos portugueses. No seu anticlericalismo militante, entendia as monarquias ibéricas como meros instrumentos da Inquisição, e encontrava no sistema político inglês todas as virtudes que estavam ausentes no sistema de governo espanhol. Se a Inglaterra garantia o progresso das ciências e a liberdade dos seus

cidadãos, a Espanha oprimia seus súditos e afundava nas trevas da estagnação e da ignorância. Certamente, nem todos pensavam dessa forma sobre os destinos da Espanha ou sobre o papel que lhe corresponderia desempenhar na geopolítica europeia, mas as ideias defendidas por Masson podiam ser também encontradas, com seus matizes, em Montesquieu, em Rousseau, em Voltaire, em Marmontel, em Henry Swinburne e nos ácidos apontamentos da literatura dos viajantes. Invocadas recorrentemente nos debates políticos que atravessavam a Europa da época, essas ideias servem para estabelecer comparações e contrastes, e devem ser pensadas em termos de eficácia, não de exatidão; como ferramenta de transformação mais do que como argumento sujeito a comprovação “objetiva”.

Para Masson, como para outros filósofos franceses, Espanha representava a nefasta vigência de instituições feudais que precisavam ser combatidas e anuladas. Não pretendia, portanto, ser cauteloso, e não parecia estar apto a reconhecer sutilezas nem contrastes; tendia a generalizar, a falar das nações como se fossem constructos homogêneos e unificados, sem fissuras nem distinções internas, e portadores de certas essências características. Na mesma época, autores envolvidos na célebre “polêmica do Novo Mundo” estudada entre outros por Antonello Gerbi⁴ postulavam a tese da imaturidade da América e denunciavam a apatia e a fraqueza das suas espécies e de seus habitantes. Buffon considera o continente “insalubre para gente civilizada e animais superiores” (cf: Gerbi 1996:27), De Pauw afirma que “é sem dúvida um grande e terrível espetáculo ver a metade deste globo a tal ponto desgraçada pela natureza que tudo é ou degenerado ou monstruoso” (cf: Gerbi 1996:56). Raynal imagina que os povos americanos se encontram em uma espécie de infância da humanidade, enquanto Robertson postula que “a natureza não somente era menos vigorosa e prolífica no Novo Mundo, mas parece ao mesmo tempo ter sido menos vigorosa em suas produções. Os animais que pertencem originalmente a esse quadrante do globo parecem ser de uma raça inferior, nem tão robusta, nem tão feroz quanto as do outro

4. Ver Referências bibliográficas.

continente” (cf: Gerbi 1996:134).⁵ Como esses autores, Masson era taxativo, multiplicava definições e desestimava as vantagens da mesura.

Tais características ofereciam, precisamente, ampla margem para as réplicas de todos aqueles que discordavam das afirmações contidas no artigo da *Enciclopédia Metódica*. Foram quase uma centena de folhetos, artigos e discursos que disso se encarregaram, prova de que os espanhóis nem sempre podiam ser considerados apáticos. A realidade era bastante mais complexa que as descrições de Masson, o império estava de fato atravessando um agitado período de modernização que tendia a limitar os poderes da Igreja e a redefinir o pacto colonial vigente nos séculos anteriores, e os burocratas ilustrados estavam em plena elaboração de propostas que tentavam recuperar o terreno perdido em todas as esferas da administração pública. Nessas circunstâncias há, dentro da sociedade espanhola, várias tendências em pugna, que se revelam nas diversas respostas a Masson promovidas pelos intelectuais que decidem participar na polêmica.

Esses letrados tinham em José Cadalso um antecedente ilustre. Em 1768, Cadalso refutara Montesquieu, um autor muito mais prestigioso e influente do que Masson, na sua *Defensa de la nación española contra la «Carta Persiana LXXVIII» de Montesquieu*. Considerando que a Carta (mesmo que fosse uma sátira e não um verbete com pretensões científicas como o da *Enciclopédia*) fora escrita “en agravio de la religión, valor, ciencia y nobleza de los españoles”, Cadalso cita trechos do texto para rebater pontualmente cada afirmação. Após esse meticuloso exercício, o autor aproveita a deixa para moralizar sobre aqueles que ousam falar sem saber: “el que critica con poco fundamento hace recaer sobre sí mismo toda la mofa que pretendía echar sobre el objeto criticado, y por tanto iría con mucho tiento en soltar proposiciones ligeras que, si al principio alucinan al que las lee, se hacen despreciables al que las especula después de un maduro examen” (1970:35).

5. Estamos nos referindo a quatro das principais obras que alimentam a polêmica do Novo Mundo: *Histoire Naturelle* (1749-1789) de Buffon, *Recherches Philosophiques sur les Américains* (1772) de Cornelius de Pauw, a *Histoire des Deux Indes* (1772) do Abade Raynal, e a *History of America* (1777) de William Robertson.

Para não cair nessa armadilha, e para demonstrar que a sátira pode também ser útil, Cadalso escreverá as *Cartas marruecas* (1793), nas quais um viajante árabe discute os dilemas da sociedade espanhola contemporânea a partir de uma voz autorizada pelo saber do narrador e pelo seu envolvimento com a problemática a ser analisada.

Palavras como as de Cadalso, condenatórias das críticas falaciosas e pouco fundamentadas, serviriam de inspiração para sucessivos apologistas. Contra Masson, o botânico espanhol Antonio José Cavanilles, residente em Paris, escreve em 1784 umas “Observaciones”, nas quais esboça uma enfática vindicação da ciência hispânica. Motivado pelo “dulce honor de vengar a mi patria” e pelo “justo resentimiento que me han inspirado los insultos de M. Masson” (CAVANILLES, 1970:55), oferece dezenas de nomes de personalidades destacadas que comprovariam o vigor e as contribuições da cultura espanhola. Considera “deplorable que este artículo extravagante esté consagrado en una obra como la Enciclopedia”, e acusa a Masson de desconhecer por completo a verdadeira situação do reino que tão injustamente criticava:

¿Puede que haya imaginado que, sin otra instrucción que la que él había tomado en viejas historias olvidadas, la amargura de un estilo mordiente le basta para persuadir la verdad del cuadro que él nos ha dado? Si la delicadeza que él dice profesar, y el deseo de escribir una obra exacta y verdadera, hubieran guiado su pluma, habría consultado las verdaderas fuentes en lugar de las falsas. (Cavanilles 1970:55)

Na mesma direção, Juan Arribas y Soria e Julián de Velasco, os tradutores da primeira edição da *Encyclopedia Metódica* em espanhol, publicada em 1792, advertem que

Hemos procurado, en la traducción que se publica, mejorar notablemente el original, y se han añadido innumerables artículos de España y América, en que la poca instrucción de los Autores franceses, sobre nuestras cosas, ó sea el poco caso que hacen de

ellas, ha dexado vacíos y errores de mucha consideración que hemos procurado enmendar del mejor modo posible (Arribas Y Soria; Velasco 1792:79).

Como era previsível, a versão em espanhol era muito mais extensa, minuciosa e laudatória que o texto original de Masson. A ignorância, a falsidade, a negligência na consulta de fontes acuradas e a pressa por predicar sem medir as consequências do discurso são as acusações mais frequentes que os defensores da Espanha lançam contra Masson. Se a Geografia é “uma coleção de fatos e investigações práticas, sempre escravas da observação”, como afirmam os tradutores espanhóis, Masson teria cometido uma grave falta, ao opinar sobre uma nação estrangeira sem ter conhecimento e sem ter se informado adequadamente. Esse é o mesmo argumento invocado pelo piemontês Carlo Denima, funcionário da corte prussiana de Federico II, que apresentara em 1786 uma defesa perante a Academia de Berlin, e por Mariano Berlón, que publica no *Memorial literário* de junho de 1787 a “Defensa de Barcelona”. Denima partia da pergunta mais incisiva, a considerada mais impertinente de Masson: “¿qué se debe a España?” Contra a resposta negativa do francês, Denima volta ao passado e revisa os aportes feitos desde a Idade Média pelos grandes nomes da Espanha na teologia, na jurisprudência, na medicina, na física, na literatura e nas belas artes. Berlón devolve a interrogação e se pergunta “¿Pues qué es lo se debe a la Francia?”, para de imediato responder: “Por lo general una confusísima multitud de escritores copistas, sin crítica, sin gusto, y sin conocimiento de lo que escriben, cuyo carácter no es otro que la sátira, la maledicencia y la denigración de sus mismos amigos” (Berlón 1983:333).

Panegíricos como os de Cadalso e Berlón, e listas de autores proeminentes como as esboçadas por Cavanilles e Denima constituíam um recurso comum daqueles que tomavam para si a tarefa de defender o orgulho ferido da nação e refutar seus detratores. Da mesma forma, desdenhar a francofilia dos círculos bourbônicos (associada com a impostação dos *petimetres* e das tertúlias, com a pose e a ostentação) era frequente nas

invectivas patrióticas que evocavam a honra e a gravitas de outros tempos como virtudes a serem recuperadas. Mas outros autores foram além da mera réplica, da nostalgia ou do escárnio. Percebiam que as afirmações dos filósofos ou o artigo da *Enciclopédia* não podiam ser lidos apenas como ataques de desavisados franceses que desconheciam as glórias espanholas, e que essas críticas davam a oportunidade de discutir o destino das políticas da coroa, em um mundo convulsionado por um severo questionamento das funções do poder monárquico. Nesses anos de 1780, com a ameaça iminente da revolução no outro lado dos Pirineus, esses autores analisam a situação da Espanha e da Europa no encalço dos ecos da polêmica levantada por Masson e das notícias que chegavam da França. Rejeitavam as visões negativas da Espanha propaladas pelos estrangeiros, mas também reconheciam as evidências do declínio do império, e procuravam estabelecer suas raízes no passado e seus sintomas e remédios no tempo presente.

A *Oración apologética por la España y su mérito literario* (1786) de Juan Pablo Forner e os artigos publicados nessa década no periódico madrilenho *El Censor* representam duas formas antagônicas de lidar com as repercussões do texto de Masson. Ambas as posições foram definidas mediante textos que se interpelavam entre si em longas réplicas e trélicas, e podiam ser entendidas como evidência da polarização existente na sociedade espanhola. Em Forner, uma postura mais conservadora, em defesa dos valores cristãos, das tradições de pensamento hispânicas e da estabilidade monárquica. Do outro lado, uma visão mais liberal, iconoclasta e sarcástica, representada por Luis Cañuelo, o editor do *El Censor*.

A *Oración* de Forner, patrocinada pelo Conde de Floridablanca, era uma resposta a uma chamada da Real Academia, cujo concurso sobre oratória instituía como tema “uma apologia ou defesa da nação” que devia responder às obras “llenas de injurias e imposturas” publicadas pelos filósofos franceses. Como Cavanilles e Denina, Forner também censura a “audaz y vana verbosidad de una tropa de sofistas ultramontanos, que han introducido el nuevo y cómodo arte de hablar de todo por su capricho” (1976:87), mas não se limita a fustigar a vaidade alheia. Insiste em que é necessária uma cuidadosa pesquisa

histórica para entender a situação presente; invoca assim uma “epistemologia patriótica”, segundo a definição de Jorge Cañizares- Ezguerra,⁶ que desconfiava da aplicabilidade de reformas urgentes que nem sempre seriam pertinentes para o âmbito espanhol. Nesse sentido, em lugar de propugnar, como muitos funcionários da corte, a necessidade de uma política de modernização que recuperasse o tempo perdido, preferia resgatar certas características que seriam constitutivas do pensamento espanhol e explicar a decadência não como um vazio a ser preenchido, mas como um retorno ao verdadeiro caminho do qual a Espanha tinha negligentemente se afastado.

Para Forner, determinado a defender a vigência e a necessidade da cultura católica, é preciso recuperar a herança do humanismo espanhol, fonte da qual emana uma tradição prática, empírica e cética que seria o oposto das falsas “virtudes” defendidas pelos “sofistas” do livre-pensamento. Os “filósofos práticos” que Forner exalta são a antítese dos “célebres sonhadores” que em nada contribuem para o benefício da humanidade:

España ha sido docta en todas edades. ¿Y qué, habrá dejado de serlo en alguna porque con los nombres de sus naturales no puede aumentarse el catálogo de los célebres soñadores? No hemos tenido en los efectos un Cartesio, no un Newton: démoslo de barato: pero hemos tenido justísimos legisladores y excelentes filósofos prácticos, que han preferido el inefable gusto de trabajar en beneficio de la humanidad a la ociosa ocupación de edificar mundos imaginarios en la soledad y silencio de un gabinete. No ha salido de nuestra Península el optimismo, no la armonía preestablecida, no la ciega e invencible fatalidad, no ninguno de aquellos ruidosos sistemas ya morales, ya metafísicos, con que ingenios más audaces que sólidos han querido convertir en sofistas, porque ellos lo son, todos los hombres, y trocar en otro el semblante del universo; pero han salido varones de un juicio suficiente para conocer y destruir la vanidad de las opiniones arbitrarias, suministrando en su lugar

6. Ver Referências bibliográficas.

a las gentes las doctrinas útiles, y señalando las sendas rectas del saber según las necesidades de la flaca y débil mortalidad. (Forner 1976:90)

O gratuito exercício do pensamento, que Forner associa com os hábitos franceses, não é apenas inútil; é, antes de tudo, perigoso, porque acaba multiplicando a instabilidade social, e instaura a desordem que altera as hierarquias estabelecidas. Em breve, esses flagelos seriam ainda mais evidentes: a revolução deixaria de ser uma ameaça para se transformar em fato consumado apenas três anos depois da publicação da *Oración*. A impune discórdia instilada pelos libertinos, e a fúria cega da plebe, seriam nesse final da década os fantasmas mais temidos pelos defensores das monarquias europeias. O império espanhol, segundo Forner, teria se livrado dessas duas ameaças justamente por haver adotado medidas que os defensores do *laissez-faire* considerariam prova de atraso e de superstição:

Vemos en nuestros estantes, no sin aquel encogimiento que inspira la contemplación de la dignidad del entendimiento humano, la serie de aquellos hombres eminentes que han sido en todos los siglos la gloria, y no el descrédito de la razón; aquellos que han procurado mejorar, no trastornar el mundo; que no han conocido en sus investigaciones otro blanco que el de la verdad, ni en sus vigiliass otra ambición que la de ser útiles a sus semejantes. Leemos las especulaciones de la mente acompañadas de la rectitud de los pensamientos; y sin que en las opiniones de conjetura peligren los fundamentos de la verdad, de la justicia o de la religión, exentos de errores peligrosos logramos una ciencia útil en la mayor parte, y en la que no lo es, segura a lo menos de consecuencias perjudiciales. Equivocan pues vergonzosamente la libertad con el desenfreno los que forman a nuestro Gobierno un odioso capítulo porque no nos permite ser delirantes, ni confundir con el verdadero saber la perversidad de la reflexión. Su filosofía habituada a maldecir de todo, no se halla en estado de considerar que la legislación

más perfecta es, no la que impone penas a los delitos, sino la que dispone medios para que no los haya. Castigar a un rebelde, a un impío, a un disoluto es cosa fácil; precaver la rebelión, la impiedad, la disolución es no sólo obra de una prudencia civil perspicacísima, sino la suma de todas las legislaciones, y el distintivo más excelente de las que van más ajustadas con los principios de la felicidad. (Forner 1976:96)

A contraposição entre formas de pensamento verdadeiras (associadas com um determinado passado espanhol que se pretende retomar) e falsas (vinculadas com as reflexões dos filósofos libertinos) alicerça a resposta que a *Oración Apologética* oferece diante da polêmica provocada pelo artigo de Masson, e assinala o horizonte em que para Forner a decadência do império poderia ser finalmente superada. Desta forma, o contraste serve tanto para estigmatizar uma filosofia política que o autor considera ruínosa como para cristalizar um sentimento nacionalista que, contudo, não se resume a uma mera expressão de antipatia pelos franceses. Embora essa mútua rivalidade, que já era antiga, seja um fator presente em toda a polêmica que estamos analisando, a postura de Forner celebra as contribuições do pensamento espanhol dentro de uma dimensão europeísta, como um exemplo de coesão social e um resguardo contra as ameaças que podiam atingir a governamentalidade de todo o continente.

Essa postura conservadora e contrária às promessas da modernização seria vilipendiada de várias formas nos anônimos artigos do *El Censor*, atribuídos a Cañuelo.⁷ Em 1785, enquanto Forner escrevia a sua *Oración*, o Discurso 81 do periódico lamentava: “Desgraciada nación aquella de cuya literatura se escriben apologías” (Caso González 1889:250). O espírito patriótico, característico de Cavanilles, Masson e Forner, seria criticado e parodiado em vários libelos que entendiam esse afã apologético como

7. Na introdução da edição fac-símile de *El Censor*, José Miguel Caso González postula que os autores dos artigos do periódico proviriam de um grupo de ilustrados que frequentavam as tertúlias da Condessa de Montijo, entre os quais estaria a própria condessa, Jovellanos e Meléndez Valdés, junto com outras figuras destacadas da época.

algo negativo para a nação, porque tendia a “fomentar la pereza, y hacer que satisfechos de nosotros mismos y contentos con el estado em que nos hallamos, ni siquiera pensemos en mejorarlo” (Caso González 1989:244). *El Censor* concordava com muitas das críticas de Masson, mesmo aceitando que as observações do francês partiam de um desconhecimento das realidades espanholas e de um indiscriminado impulso por generalizar. Não era o único a tomar esta posição; outros periódicos, como *El Apologista Universal* e *El Observador* fustigavam a inércia espanhola e clamavam por reformas prementes capazes de “liberar al mundo de la superstición”. A ociosidade da nobreza e os privilégios das hierarquias eclesiásticas (mas também o oco afrancesamento das elites) são os obstáculos que impedem a regeneração da sociedade que estes “papeles periódicos” tanto desejam. Contra a paralisia aparentemente reinante, e em favor da difusão de valores cívicos, os periódicos almejam ilustrar a opinião pública acerca dos males que devem ser combatidos. Movido por esse propósito, *El Censor* parece atingir o ápice da sátira quando, no Discurso 165 (9 de agosto de 1787), publica “Oración Apologética por el África y su mérito literario”, em que cita textualmente fragmentos da primeira parte do texto de Forner substituindo “España” e “españoles” por “África” e “africanos”. Para as autoridades, essa sátira parecia ultrapassar os limites do tolerável. *El Censor*, que, apesar da proteção de Carlos III, tinha sido já suspenso duas vezes antes, deixaria de ser publicado nesse mesmo mês de agosto de 1787.

O “assunto Masson” marca assim os debates pela ciência e pela política espanholas que definem o último quarto do século XVIII. Enquanto as reformas borbônicas, que estavam em pleno processo de implementação, provocavam na península, e especialmente nas colônias, todo tipo de resistência, e a revolução ameaçava a perduração dos antigos regimes, os letrados espanhóis se debruçam, com virulência e ironia, sobre os destinos do império e sobre o papel que ainda lhe corresponderia desempenhar a Espanha no contexto europeu. As propostas podiam ser diferentes, ou antagônicas, mas todos esses letrados reconhecem, de uma forma ou da outra, ser parte de um momento histórico que já anuncia grandes transformações para a nação.

Uma nação que parecia há muito tempo estar sitiada por uma constante, e quiçá também irreversível, decadência.

Referência bibliográfica

ARRIBASY SORIA, Juan; VELASCO, Julián de. 1792. “España”. *Enciclopedia metódica dispuesta por orden de materias. Geografía moderna*. Madrid: Imprenta de Sancha, pp. 79-106. Vol. II.

BERLÓN, Mariano. 1983. “Defensa de Barcelona”, em *Anales de Literatura Española*. Nº 2, pp. 331-339. Edição digital disponível em Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes (www.cervantesvirtual.com).

CADALSO, José. 1970. *Defensa de la nación española contra la «Carta Persiana LXXXVIII» de Montesquieu*. 1ª ed. Toulouse: France- Iberie Recherche, Université de Toulouse. Edição digital disponível em Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes (www.cervantesvirtual.com).

CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. 2006. *Nature, empire and nation: explorations of the history of science in the Iberian world*. Stanford: Stanford University Press.

CASO GONZÁLEZ, José Miguel. 1989. *El Censor. Obra periódica*. Edição fac-similar. Oviedo: Universidad de Oviedo, Instituto Feijoo de Estudios del siglo XVIII.

CAVANILLES, Antonio José. [1784]. “Observaciones del Abate Cavanilles sobre el artículo “España” de la Nueva Enciclopedia” em GARCÍA CAMARERO, Ernesto y Enrique. 1970. *La polémica de la ciencia española*. Madrid: Alianza Editorial, pp. 54-71.

DENIMA, Carlo. 1786. “Respuesta a la pregunta ¿Qué se debe a la España?” Cádiz: Imprenta de Manuel Jiménez Carreño. Edição digital disponível em Biblioteca Saavedra Fajardo de Pensamiento político hispánico (www.saavedrafajardo.um.es)

DIDEROT Denis, D'ALEMBERT, Jean (ed). (2010) *Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*. University of Chicago: ARTFL Encyclopédie Projet (Spring 2010 Edition), Robert Morrissey (ed), <http://encyclopedia.uchicago.edu/>.

FORNER, Juan Pablo. 1976. *Oración apologética por la España y su mérito literario*. Madrid: Doncel. Edição digital disponível em Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes (www.cervantesvirtual.com).

GERBI, Antonello. 1996. *O Novo Mundo. História de uma polêmica. (1750-1900)*. São Paulo: Companhia das Letras.

MASSON DE MORVILLIERS, Nicolás. 1782 “Espanña”, em. *Encyclopédie méthodique ou par ordre des matières. Géographie moderne*. Paris: Panckoucke. Versão em espanhol de Víctor Cases Martínez, disponível em Biblioteca Saavedra Fajardo de Pensamiento político hispánico (www.saavedrafajardo.um.es)